



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 10, Nº 1, 2025, P. 35-42
ISSN: 2448-2390

11 teses sobre o problema do par documentário/ficção¹

11 thèses sur le problème du couple documentaire/fiction

DOI: 10.20873-rpv10n1-27

François Soulages

Tradução: Leon Farhi Neto²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2973-1029>

Email: leon@uft.edu.br

Resumo

Em 11 teses, o autor questiona e desconstrói o aparente paradoxo da conjunção documentário/ficção. O documentário não exclui a ficção (isso seria uma perigosa ilusão ideológica). A ficção tampouco exclui a realidade (mas a manuseia e a apresenta sob um novo aspecto).

Palavras-chave

Teoria. Arte. Real. Realidade. Verdade.

Résumé

En 11 thèses, l'auteur questionne et déconstruit l'apparent paradoxe de la conjonction documentaire/fiction. Le documentaire n'exclut pas la fiction (ce serait une dangereuse illusion idéologique). La fiction n'exclut pas non plus la réalité (mais elle la manipule et la présente sous un aspect nouveau).

Mots clés

Théorie. L'art. Réel. Réalité. Vérité.

¹ Em complemento a “Por uma estética negativa do documentário. Do sonho ilusório do real à jubilação da ficção” de François Soulages, no evento Pensamento-cinema 10, “Documentário e ficção, a mistura entre imaginário e real”, Universidade Federal do Tocantins, UFT, em 16 de agosto de 2024.

² Professor de Filosofia da Universidade Federal do Tocantins.

*“Quem melhor do que um artista poderia
pressentir essa deriva do real?”*

*Vladimir Fédoroski,
in le Carré, Paris, Les Cahiers de l’Herne,
2018, p. 247.*

1 Paradoxo de partida

Em um primeiro nível de análise, haveria contradição entre documentário e ficção.

Com efeito, o documentário estaria do lado da realidade e forneceria a melhor representação possível da realidade. Em contrapartida, a ficção seria alheia à realidade.

Contradição uni-los? Em todo caso, um paradoxo aparente.

2 Endogamia/exogamia

Em algumas sociedades tribais, a exogamia era proibida nos casamentos; restava a endogamia. Essas sociedades, *de facto*, engendravam o racismo e pregavam o imaculado e, portanto, a pureza: absurdo e ingenuidade, mas sobretudo perigo extremo.

Consequência: é preciso desconfiar das aparentes impossibilidades de articular abordagens aparentemente opostas; desconfiemos da vontade de pureza que impera nas representações e ideologias.

Consequência: é legítimo examinar as articulações entre documentação e ficção, entre imaginário e real; isso é até mesmo necessário; vejamos como superar as contradições e, cor-relativamente, como trabalhar com paradoxos.

3 A dupla impossibilidade

Ela caracteriza o documentário verista e a ficção autônoma.

Com efeito, um documentário não nos apresenta nem a verdade nem a realidade, mas apenas uma representação particular da realidade complexa. O importante é que ele não tenha,

nem nos dê, a ilusão de apresentá-las, e que ele reconheça, ou melhor, jogue com seus limites, suas finitudes. Daí o uso da ficção pelo documentário? Talvez.

Não “isso foi”³, mas “isso foi um jogo de cena”⁴, como o demonstramos em nossa *Estética da fotografia*⁵.

Por outro lado, a ficção nunca é absoluta nem totalmente autônoma; reler a análise do sonho por Descartes nas *Meditações* de 1641.

Assim, a articulação dessas duas práticas parece legitimamente possível e, por vezes, desejável. O desvio pela ficção permite, por vezes, uma melhor representação do real; e isso é, por vezes, até mesmo apreciável. Exemplo: a obra de John le Carré. E também aquela de Bernard Kœst, de Bruno Zorzal... e de milhares de outros artistas que praticam as mais diversas formas de arte.

4 Reflexões teóricas e artes

O documentário pode, então, ser utilizado tanto por teóricos quanto por artistas. Uns e outros, se assim desejarem, podem oferecer uma representação interessante da realidade.

Mas, atenção, seu procedimento nunca permite dizer o real, mas, apenas e no melhor dos casos, aproximar-se dele de uma maneira um pouco melhor, quer dizer, de outro ângulo, a partir de outro ponto de vista, de mais perto, etc...

Mas, atenção, nunca acreditar que se possa apreender o real, seja com o documentário, seja com a ficção.

Há apenas documentários que são mais ou menos bons, quer dizer, que apresentam a realidade mais ou menos bem, de modo mais ou menos original. O mesmo vale para a ficção.

³ Nota do tradutor: o autor se refere ao marcante “isso foi” de Roland Barthes. *A câmara clara: Nota sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015 [1980]. P. 67ss.

⁴ Nota do tradutor: em francês, “ça a été joué”. Tradução possível: “isso foi encenado”. Mas aí desaparece a noção de jogo.

⁵ François Soulages. *Estética da fotografia: perda e permanência*. Trad. Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. São Paulo: Senac São Paulo, 2010 [1998].

5 *Dialética documentário/ficção*

Por um lado, o documentário pode utilizar a ficção para se construir. O importante é que ele o indique e que dê provas; isso é ainda mais necessário na era do digital e da inteligência artificial.

Por outro, a ficção pode se nutrir de documentos e de documentários determinados. Aliás, o que seria uma ficção pura?

6 *Os desafios*

O desafio é duplo: ao mesmo tempo, o que é a verdade e a ciência, e o que é a realidade?

Por um lado, é preciso dialetizar a própria noção de ciência, e distinguir as ciências lógico-matemáticas e as ciências experimentais; elas não obedecem nem ao mesmo regime nem ao mesmo paradigma.

O documentário pode utilizar ambas, e a ficção também: *cf.*, por exemplo, Borges, Calvino, em literatura; o mesmo se aplica ao vídeo, ao cinema, à fotografia, etc...

Mas é preciso ater-se, epistemologicamente e filosoficamente, à concepção fundamentada, mas aberta, da verdade, e não cair nas imposturas ideológicas das pretensas pós-verdades ou da reciclagem do famoso título de Pirandello, *À chacun sa vérité*. “As atualidades alemãs estão se tornando o modelo da ficção”⁶, enquanto elas se apresentavam como documentários. A mesma coisa acontece hoje com as guerras que agitam o mundo, e matam, desavergonhadamente, dezenas ou mesmo centenas de milhares de seres humanos; esse é um outro desafio, que é político e existencial.

Por outro lado, é preciso distinguir os conceitos de real e de realidade. O real é incognoscível. A realidade, por sua vez, remete a uma abordagem fenomenal do real (reler Kant), e diz algo sobre a interação real/sujeito-observador; cabe a nós interpretar.

⁶ Eric Vuillard, *L'ordre du jour*, Paris, Actes Sud, 2017, p. 129.

Mas não nos esqueçamos de Platão, nem de Kant, nem de Lacan, ao interrogarmos o real. Nem de Maurizio Ferraris, em *Postvérité et autres énigmes*, trad. Michel Oncel, Paris PUF, 2019, p.147: “O real é o extremo negativo do saber, porque é inexplicável e incorrigível, mas ele é, ao mesmo tempo, o extremo positivo do ser, porque ele é isso que se dá, que existe e resiste à interpretação e, também, a torna verdadeira (quando ela é verdadeira) e falsa (quando ela é falsa), distinguindo-a da imaginação ou de um *wishful thinking*. O princípio fundamental do realismo negativo se exprime, portanto, como ‘existir é resistir’: há objetos no mundo que existem independentemente de nossos pensamentos, e nós os experimentamos, justamente, quando eles resistem aos nossos pensamentos.”

7 Acerca da positividade do uso da ficção

“Uma ficção bem fechada abre um abismo em nosso mundo, ou seja, em nossa apreensão simbólica do mundo.” Paul Ricoeur, *Temps et récit*. Trabalhemos esse abismo, enquanto artistas e enquanto pesquisadores habitados pelo sonho do documentário e da ciência experimental.

Pois o documentário e a ficção são, antes de tudo, experimentações.

Além do quê, “só a ficção não mente, ela entreabre, sobre a vida de um ser humano, uma porta escondida, por onde se insinua, fora de qualquer controle, sua alma desconhecida.” (François Mauriac, *Commencements d’une vie*); e também sobre a vida de um mundo, muitas vezes, imundo.

8 Acerca do perigo da ficção não compreendida

“Assim que um discurso se encarrega de uma prática, uma ficção é produzida.” (Roland Barthes, *Textes*, 1973).

A ficção é inevitável; mas ainda é preciso saber disso e mostrar isso. Acompanhemos Luciano de Samósata, ca. 120–190 d.C., *Histoire véritable*: “conduzido, eu também, pela vaidade de legar alguma obra à posteridade, e a fim de não ser o único a não desfrutar da liberdade de imaginar histórias, como eu não tinha nada de verdadeiro para contar (pois não havia

acontecido comigo nada que valesse a pena ser contado), eu decidi mentir, mas com mais honestidade que os outros, pois há um ponto em que eu direi a verdade, que é o fato de que eu conto mentiras.”

Caso contrário, deixamos os fortes, os potentes, os violentos e os assassinos sem vergonha dirigir os discursos, as ficções e o mundo. « The show must go on ! », proclama a sociedade do doce terror e do horroroso terror.

9 A ficção como documentário

A obra literária, perfeitamente documentada, do ex-agente de inteligência, John le Carré, é para nós um modelo. Leiamos sua obra, e escutemos o que diz:

“Não me tinha ocorrido que a única garantia de encontrar outro mundo era inventá-lo.” John le Carré, « Sarrat et le marchand d’étoffes de Watford », in *le Carré*, in Paris, Les Cahiers de l’Herne, 2018, p. 39.

Inventar um mundo de ficção, para compreender o mundo da realidade; aliás, toda teoria depende de uma construção, talvez até, de certa maneira, de uma ficção.

“Meu outro mundo, meu próprio mundo, meu mundo paralelo, que se tornou meu universo.”⁷ John le Carré, « L’art de la fiction », in *le Carré*, in Paris, Les Cahiers de l’Herne, 2018, p. 84.

Estamos, então, em um outro mundo, aquele do autor e... do leitor. Fruímos dele, e olhamos para a realidade exogâmica com um olhar instruído; e nos enriquecemos.

10 O real e o imaginário

Articulamos, então, o réel e o imaginário.

Aliás, essas instâncias descritas por Lacan não são porosas?

⁷ « Mon autre monde, mon monde à moi, mon monde parallèle, qui est devenu mon univers. » John le Carré, « L’art de la fiction », in *le Carré*, in Paris, Les Cahiers de l’Herne, 2018, p. 84.

“Eu imaginava viver em um contexto a definir, bem à beira do mundo real, mas longe o suficiente para estar protegido dele.” John le Carré, « Sarrat et le marchand d'étoffes de Watford », in *le Carré*, in Paris, Les Cahiers de l'Herne, 2018, p. 39.

Mas, também, reler Celine:

“Viajar é bem útil, faz a imaginação trabalhar. Todo o resto é só decepção e fadiga. Nossa viagem é inteiramente imaginária. Essa é a sua força.

Ela vai da vida à morte. Humanos, animais, cidades e coisas, tudo é imaginado. É um romance, nada mais que uma história fictícia. É Littré quem o diz, e ele nunca se engana. E, principalmente, cada um pode fazer o mesmo. Basta cerrar os olhos.

Está do outro lado da vida.”

Céline, *Voyage au bout de la nuit*, 1932, Épigraphe.

11 Existencial

Outro desafio de tudo isso: nossa relação ao existencial.

“A existência pode não ser mais que uma extenuação da vida...”, escreve Pierre Burgelin a propósito de Rousseau⁸. Pode ser, mas de qual vida? Por que a existência remeteria à extrema fadiga da vida? Extrema fadiga diante de um possível documentário de nossa vida e de nosso pobre mundo?

E quanto à ficção?

Talvez a existência, como saída da vida vazia, sem sabor e sem liberdade, aniquilaria a vida para, enfim, existir e sair desta vida? “Para que fazer durar o prazer, já que isso significa obrigatoriamente extenuá-lo?”, escrevia Georges Perros em *Papiers collés*.

O existencial poderia caracterizar esse esforço de tentar sair de uma vida extenuante, por ser sem criação nem ficção do sujeito — em suma, sem sujeito, sem sentido, sem história: a vida seria sem história, enquanto a existência seria o começo de uma história. Mas, e se isso não passasse de uma ilusão que os humanos nutrem acerca do seu próprio poder?

Unamos documentação e ficção.

⁸ Pierre Burgelin, *La philosophie de l'existence de Jean-Jacques Rousseau*, p. 578.

François Soulages

Filósofo. Professor emérito (Université Paris 8, Labo AIAC e Institut National d'Histoire de l'Art - INHA) e presidente fundador da cooperativa internacional de pesquisa RETiiNA.International (Investigações estéticas e teóricas sobre imagens e imaginários novos e antigos), Soulages escreveu e publicou, sozinho ou sob sua direção, mais de 100 livros, incluindo *Estética da fotografia*, traduzido para 12 idiomas.